



Instituto de Desenvolvimento
Sustentável Mamirauá



SUPERVISIONADA PELO MCTI

As Múltiplas Linguagens da Educação e a Conservação de Espécies-bandeira

Caderno do/a professor/a
Projeto Amazonas Sustentável

Parceria
 **PETROBRAS**





Instituto de Desenvolvimento
Sustentável Mamirauá



SUPERVISIONADA PELO MCTI

As Múltiplas Linguagens da Educação e a Conservação de Espécies-bandeira

Caderno do/a professor/a

Fundação Amazônia Sustentável (FAS)
Manaus - AM
2022

Parceria



Sumário

Apresentação	<u>6</u>
1. Proposta pedagógica	<u>7</u>
2. Conceituação de espécies-bandeira	<u>10</u>
3. Oficina para definição de espécies-bandeira da comunidade e escola	<u>13</u>
3.1. Explicação e debate	<u>13</u>
3.2. Chuva de ideias	<u>14</u>
3.3. Análise da matriz de relações	<u>15</u>
3.4. Debate e consenso	<u>16</u>
4. As Múltiplas Linguagens da Educação	<u>17</u>
4.1. Linguagem verbal e não-verbal	<u>19</u>
5. As Múltiplas Linguagens da Educação e a conservação de espécies-bandeira	<u>20</u>
5.1. Rodas de conversa e contação de histórias	<u>21</u>
5.2. Escrita textual	<u>23</u>
5.3. Desenho e pintura	<u>26</u>
5.4. Dança e coreografia	<u>29</u>
5.5. Produção audiovisual	<u>32</u>
5.6. Teatro	<u>35</u>
6. Considerações finais	<u>38</u>
7. Referências Bibliográficas	<u>39</u>

Apresentação

O Caderno “As Múltiplas linguagens da educação e a conservação de espécies-bandeira” foi desenvolvido em 2022 pelo Instituto Mamirauá, em conjunto com a Fundação Amazônia Sustentável (FAS), com a parceria com a Petrobras , por meio do Projeto Amazonas Sustentável (PAS).

O objetivo do material é apresentar informações relevantes sobre as definições acerca das espécies-bandeira e como identificá-las, com exercícios e atividades voltados para o desenvolvimento em sala de aula pelos estudantes e professores das escolas, além da própria comunidade.

Com o prosseguimento dos exercícios do Caderno, será possível identificar e entender melhor sobre as espécies-bandeira e utilizar as Múltiplas Linguagens da educação para o desenvolvimento de atividades criativas por meio da dança, teatro, desenho, pintura, produção textual e audiovisual.



As espécies-bandeira são importantes símbolos de conservação do meio ambiente. Foto: Samara Souza

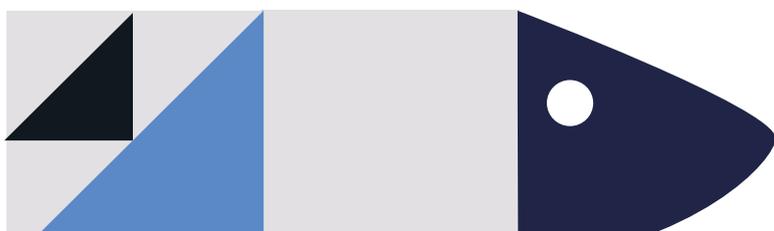
1. Proposta Pedagógica

As Múltiplas Linguagens da Educação são ferramentas importantes para a construção e efetivação do processo educativo. Elas possibilitam a relação e a comunicação entre participantes da escola e da comunidade, levando todos e todas a experienciar formas, modos de viver e saberes múltiplos. Por meio delas, é possível a realização de atividades investigativas, oficinas construtivas e atividades expositivas que incentivam o diálogo entre o universo escolar e a comunidade.

As linguagens verbais e não verbais, muitas vezes, já estão em nosso cotidiano. O propomos é um método para conhecê-las melhor e utilizá-las em seu trabalho com educador/a, envolvendo pais, mães e demais comunitários, em um processo de compreensão e valorização da história e do saber local, considerando passado, presente e futuro.

É importante lembrar que a participação da comunidade nos processos e desenvolvimento das atividades é extremamente relevante, pois são os moradores, especialmente os mais antigos, que melhor conhecem as histórias do lugar, do meio ambiente, das atividades econômicas e as diferentes formas de uso do espaço.

A presente proposta foi organizada a partir de uma experiência prática na comunidade Punã, localizada na Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) Mamirauá, no Amazonas. Desejamos que, a partir dessa proposta, outras escolas e comunidades se sintam motivadas a utilizar este material em suas atividades escolares. O conteúdo se estrutura por meio de métodos participativos, inclusivos e criativos, a partir das seguintes etapas:



- Definição das espécies-bandeira;
- Atividades investigativas com estudantes e comunidade;
- Oficinas criativas com o uso das múltiplas linguagens;
- Atividades expositivas.

Neste material, estão definidos e apresentados os itens correspondentes ao método de definição das espécies-bandeira e o conteúdo sobre as Múltiplas Linguagens da Educação. Para definir as espécies-bandeira, incluímos uma descrição sobre o que são e uma metodologia que permitiu sustentar sua importância ambiental, social, cultural e econômica.

Incluímos uma descrição teórica sobre o conceito das múltiplas linguagens e descrevemos, de forma prática, algumas delas - também indicadas para a abordagem de conservação das espécies-bandeira por meio de oficinas criativas e atividades expositivas. O conteúdo busca orientar a realização da oficina de definição de espécies-bandeira, realizada com professores e professoras, estudantes e comunidade, e o desenvolvimento de atividades criativas por meio das Múltiplas Linguagens da Educação. Ele pode ser utilizado como material de apoio e consulta por educadores e educadoras em seus trabalhos envolvendo a comunidade e a escola.

Consulte esse material sempre que precisar de informações sobre o que são as espécies-bandeira e as Múltiplas Linguagens. Os estudantes podem ser contemplados com o tema por meio do caderno de atividades “As Múltiplas Linguagens da Educação e a Conservação de Espécies-bandeiras”.

Orientamos que, ao trabalhar com as espécies-bandeira, segundo as informações contidas neste material, você também consulte outras fontes de pesquisa, como livros e sites. Lembre-se que, durante esse

processo, a participação da comunidade é essencial, pois é a maior fonte de informação sobre o contexto local.

De forma prática, a orientação para a aplicação das Múltiplas Linguagens com os estudantes pode ser adaptada a cada contexto e universo escolar, mas é importante que cada estudante possa se integrar à atividade ligada à linguagem que mais se identifique e que também seja incentivado a conhecer aquela que ainda não tenha alguma afinidade. Bom trabalho!



Aprender mais sobre o meio ambiente ajuda a preservar nossa sociedade.
Foto: Samara Souza

2. Conceituação de espécies-bandeira

Os estudos e as ações voltadas para a conservação ambiental há muito tempo vêm utilizando o conceito de espécies-bandeira para despertar o interesse das pessoas pela conservação ambiental. Espécies-bandeira também são chamadas de espécies símbolos e embaixadoras, em geral, porque apresentam carisma entre as pessoas e/ ou são de grande importância para uma região ou ambiente. As espécies-bandeira podem ser tanto animais quanto plantas e na maioria das vezes viram representantes de ambientes e lugares.

Segundo Medina (2008, apud VILAS BOAS E DIAS, 2010, p. 96), espécies-bandeira “são aquelas carismáticas para o público, usadas como propaganda para proteger determinada área, que protegerão outras espécies menos conhecidas e/ou carismáticas e seus habitats”. Podemos chamá-las de Embaixadoras do Ambiente. Segundo Vilas Boas e Dias (2008, p. 96), elas colaboram para instituírem “pontos entre valores sociais, culturais e políticos. Podem, por isso, representarem um país, um ecossistema, um habitat, uma campanha”. Assim podem ser vistas como emblemas ou catalisadoras em ações de conservação e de sensibilização ambiental.

As espécies-bandeira podem facilitar processos de sensibilização em atividades de Educação Ambiental. “Os animais carismáticos como símbolos de campanhas educativas valorizam todo o ecossistema e as outras espécies presentes em um habitat ou ecossistema” (PADUA, 1997 apud BUSS et al., 2007, p. 5).

Além disso, a espécie-bandeira proporciona um melhor entendimento do ambiente e dos outros seres, possibilitando a abordagem de temas, muitas vezes complexos, relacionados à conservação da natureza (Sammarco & Printes, 2004, apud Buss et al., 2007). Muitas vezes, elas não serão indicadores de qualidade ambiental, nem sua presença necessariamente estará ligada a ambientes mais ou menos preservados (Dietz & Nagagata, 1985; Simberloff, 1998; Caro & O’Doherty, 1999; Bowen-Jones & Entwistle, 2002; apud Buss et al., 2007).

A abordagem educativa por meio de espécie-bandeira pode proporcionar o diálogo entre os educadores, as comunidades do entorno, ou envolvidas em determinado foco de ação, e a sociedade em geral. Neste sentido, “é possível que por meio do estudo das relações ecológicas e socioambientais da espécie-bandeira, pode-se trabalhar uma visão holística dos processos ecossistêmicos e não apenas a espécie isolada” (Buss et al., 2007, p.05). Esses autores também afirmam que o entendimento das relações entre os seres humanos e as espécies-bandeira colaboram para a busca pela conservação de um ecossistema, através de uma única espécie.

Na tabela proposta por Bowen-Jones & Entwistle (2002, apud Buss et al., 2007), estão descritos alguns critérios importantes para a definição e caracterização de uma espécie-bandeira:

Critério	Caracterização
Distribuição geográfica	Para ser efetiva na promoção da conservação, a espécie deve ocorrer na área focal e deve ser típica ou localmente importante nos habitats. As espécies que são endêmicas ou têm distribuição restrita devem servir como símbolo de uma região, grupo étnico ou nação, e assim, reforçar a efetivação como espécie-bandeira.
Status de conservação	Embora espécies-bandeira tenham sido tradicionalmente escolhidas pelo alto risco de extinção, espécies que não são ameaçadas também podem ser vistas como bandeiras. O maior conhecimento das comunidades locais sobre espécies comuns, em relação às espécies raras, pode fazer delas embaixadoras para a conservação.
Papel Ecológico	Os benefícios de usar uma espécie-bandeira podem ser ampliados se a espécie tiver um papel ecológico central no ecossistema (como as espécies guarda-chuva). Elas possibilitam explicar às comunidades as relações entre as diferentes espécies e a valorizar espécies aparentemente pouco importantes.
Reconhecimento	A espécie, ou taxa, deve ser conhecida pelo público e deve se distinguir de outras espécies sem causar confusões.
Uso pré-existente	Espécies que já são usadas como símbolos por outras organizações ou produtos podem ser usadas como espécie-bandeira somente se os usos não existirem potenciais conflitos de mensagem e se o público puder facilmente distingui-los. Entretanto, o uso repetido de motivos comuns por diferentes organizações trabalhando com objetivos similares pode reforçar a mensagem conservacionista.
Carisma	Apesar de espécies-bandeira serem tradicionalmente espécies carismáticas como mamíferos e aves, o carisma é uma característica subjetiva. O apelo da novidade e interesse em espécies menos carismáticas não deve ser ignorado. Essas espécies podem efetivamente influenciar a opinião pública. Cobras e lagartos foram usados com sucesso em algumas experiências de conservação.
Significância cultural	Qualquer associação cultural da espécie deve ser identificada, incluindo folclore, arte, ou uso na comida e artesanato. Tem muitas oportunidades de se valorizar as associações culturais entre a espécie-bandeira por representações baseadas na arte popular.
Associações positivas	Espécies com associações positivas para o público têm mais chances de serem efetivas. Não se deve presumir que fortes relações com espécies são necessariamente positivas (por exemplo, a má reputação dos lobos no folclore e tradições europeias).
Conhecimento Tradicional	A existência de conhecimento tradicional sobre uma espécie não só é valorizável, como fonte de informação conservacionista, mas também provê oportunidades de construir e reforçar o conhecimento tradicional. Por exemplo, comunidades locais do norte das ilhas Salomão dão informações sobre poleiros de morcegos frugívoros e distinguem diferentes espécies.
Nomes populares	Só espécies cujos nomes não têm conotações negativas, pejorativas nas comunidades devem ser usadas como espécies-bandeira. O nome popular de uma espécie pode influenciar na percepção do público e a mudança do nome pode melhorar a imagem de um animal.

Tabela 01. Critérios são importantes para a definição e caracterização de uma espécie-bandeira.

Para efeito didático, a partir dos critérios sugeridos na tabela 01, vamos adotar quatro importantes dimensões que irão colaborar para a definição de espécies-bandeira na escola e comunidade:



Dimensão Social/ cultural: está relacionada à importância social da espécie, incluindo folclore, arte, construção de casas, embarcações, uso na comida e outras coisas. Essa importância é tanta que algumas comunidades recebem o nome de alguma árvore ou animal. Em outras, existem festejos ligados à alguma espécie, como as Festas dos Botos e Peixes.

Dimensão Ecológica/Ambiental: corresponde a importância das espécies para o meio ambiente, não apenas aos seres humanos. Neste sentido, pode-se pensar nas espécies enquanto dispersoras de sementes, na efetivação de controle biológico, como polinizadoras, produtoras de oxigênio, abrigo etc.

Dimensão Econômica: está relacionada à sua importância enquanto provedora de bens e serviços para a comunidade. Assim, podemos pensar em sua importância para a geração renda, por meio do manejo sustentável e produção de artesanatos.

Espécies Ameaçada e/ou vulneráveis: corresponde às espécies que estão em situação de declínio. Aquelas que na percepção dos comunitários ou estudos técnicos, são raras ou tem diminuído. Estando em perigo, vulneráveis ou ameaçadas de desaparecerem na região.

3. Oficina para definição de espécies-bandeira da comunidade e escola

Compreendendo o meio ambiente como um todo, em que os seres vivos mantêm relações importantes entre si, podemos dizer que todos os organismos, incluindo plantas e animais, são importantes. No entanto, como explicado anteriormente, dependendo da importância das espécies a partir das dimensões ecológica, econômica e social, poderemos criar uma metodologia para definição de espécies-bandeira que pode ser desenvolvida com estudantes e comunidade.

É importante que, para a definição das espécies, ocorra a participação da comunidade, de pais e mães de estudantes, e outros moradores que conheçam a dinâmica, os ambientes e a história do lugar. Para que a metodologia funcione, será necessário seguir as algumas etapas, que incluem desde a explicação sobre o que são e a importância das espécies-bandeira, uma chuva de ideias com nomes e descrições das espécies, reflexão em grupo, até a escolha das espécies mais representativas, segundo os critérios levantados para significação e escolha das mesmas.



3.1 Explicação e debate

Com o grupo, apresente e discuta as principais dimensões (Ecológica/ambiental, Social/cultural, Ameaçada/Vulnerável, Econômica) que devem ser observadas na escolha das espécies-bandeira, conforme descrição presente no tópico “conceituação de espécies-bandeira”. Promova o debate em torno dessas questões e pontos.

3.2 Chuva de ideias

Levando em consideração a explicação sobre as dimensões ecológica, social e econômica, solicite aos estudantes e comunitários que cada pessoa indique individualmente uma espécie de planta e outra de animal que considere importante.

Solicite que cada participante anote em uma tarjeta de papel o nome das espécies escolhidas. Peça que individualmente relatem os nomes escolhidos, enquanto fixam as tarjetas em um cartaz conforme a matriz abaixo:

Flora					
Nome	Características	Dimensões			
		Ecológica	Social	Econômica	Ameaçada
Miratauá					
Castanheira					

Solicite que enquanto citam os nomes, expliquem o porquê de terem escolhido cada uma das espécies e as principais características conhecidas: local onde ocorrem, se existem muitas, tipos de usos, importância para o ambiente, importância cultural. Preencha o campo com as espécies citadas, por cada um dos participantes. Após o quadro ser preenchido, instigue os participantes sobre a possibilidade de inserirem mais alguma espécie que não tenha sido citada. Caso surja alguma, acrescente ao quadro.

Enquanto os participantes explicam as características das espécies citadas, anote-as em um papel, mesmo que o nome se repita, pois cada participante

pode ter uma visão a acrescentar sobre aquela espécie. Após anotar, fixe a tarjeta com as características que você anotou no campo correspondente às características, ao lado de cada espécie na matriz. Caso a pessoa que citou a espécie não conheça muitas características, os demais participantes podem colaborar com as informações. Ao final, o grupo terá uma matriz com os principais nomes citados e suas principais características, conforme o exemplo abaixo:

Flora					
Nome	Características	Dimensões			
		Ecológica	Social	Econômica	Ameaçada
Miratauá	Madeira de lei bem lucrativa, resistente, utilizada como remédio caseiro para tratamento de anemia. Raramente encontrada pela comunidade, as próximas gerações podem não a conhecer.				
Castanheira	Possui muitos indivíduos, protegida por lei, são queimadas na capoeira, dão frutos, foi representada na mostra cultural, gostosa, utilizada como cosmético, artesanato, possui vitaminas, é remédio, óleo.				

3.3 Análise da matriz de relações

Tendo a matriz preenchida com os nomes e as características das espécies, promova o debate sobre quais dimensões se relacionam com as características dessas espécies, e marque com a letra x as dimensões atendidas:

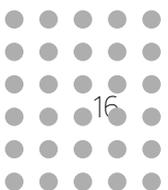


Flora					
Nome	Características	Dimensões			
		Ecológica	Social	Econômica	Ameaçada
Miratauá	Madeira de lei bem lucrativa, resistente, utilizada como remédio caseiro para tratamento de anemia. Raramente encontrada pela comunidade, as próximas gerações podem não a conhecer.	X	X	X	X
Castanheira	Possui muitos indivíduos, protegida por lei, são queimadas na capoeira, dão frutos, foi representada na mostra cultural, gostosa, utilizada como cosmético, artesanato, possui vitaminas, é remédio, óleo.	X	X	X	X

3.4 Debate e consenso

A partir da matriz preenchida, que tal instigar o debate sobre quais dessas espécies poderiam ser escolhidas como espécies-bandeira, considerando as dimensões levantadas? Faça o mesmo exercício para as espécies de animais silvestres e de plantas. No final, o grupo poderá eleger uma espécie de fauna e outra de flora.

É importante que você deixe os participantes dialogarem, pois podem surgir pontos que não foram colocados na matriz. Você também pode colaborar com o debate por meio de perguntas como: Antes havia muitos indivíduos dessas espécies aqui nas proximidades? Faz tempo que diminuíram a quantidade dessas espécies? Foram muito utilizadas ou caçadas? Ajudavam na alimentação? Etc.



4. As Múltiplas Linguagens da Educação

O termo “Linguagem” pode ser estudado e analisado sob diversos pontos de vista e em diversos campos de conhecimento, abarcando uma série de significados. A “Linguagem” aqui adotada está relacionada às formas de comunicação entre os seres humanos, em um processo no qual uma mensagem ou alguma informação é transmitida. Essa compreensão é importante para posteriormente definirmos as diferentes linguagens e como utilizá-las para o trabalho que envolve as espécies-bandeira.

Desde tempos remotos, nos diferentes lugares do planeta Terra, e ainda hoje, os grupos humanos constroem e aprimoram formas e meios de comunicação, desenvolvendo assim, processos de linguagem. Nesses processos, para que a comunicação aconteça, são necessários alguns elementos básicos:



O emissor é aquele que produz a mensagem, sendo ela o conteúdo que se deseja transmitir, e o receptor é aquele que recebe a mensagem. Como afirma Kohol (1993, apud FONTANA; CRUZ, 1999, p. 91), “essa comunicação possibilita a troca de informações específicas e a ação conjunta sobre o mundo, com base em significados compartilhados pelos indivíduos”. Nesse sentido, podemos compreender que a linguagem é fruto da atividade humana, onde as pessoas podem trocar informações e construir ideias e pensamentos, bem como atuarem na busca pela resolução de problemas a partir das relações que mantêm umas com as outras.

A linguagem “é ao mesmo tempo, um processo pessoal e social: tem origem e se realiza nas relações entre indivíduos organizados socialmente. É meio de comunicação entre eles, mas também constitui a reflexão, a compreensão e a elaboração das próprias experiências e da consciência de si mesmo” (FONTANA; CRUZ, 1999, p. 91).

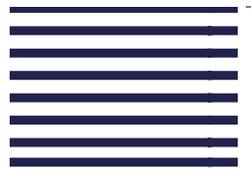
É dessa forma que os processos educacionais também podem acontecer, na transmissibilidade de significados e símbolos, na construção de diálogo, e na percepção sobre determinadas questões importantes para a sociedade. É assim que a Linguagem possibilita a troca de informações e a ação sobre o mundo, podendo ser vista como um produto da história, que media a relação entre as pessoas e o mundo.

Segundo Souza (2017, p. 34), na relação entre Linguagem e Educação, Vygotsky (2008) desenvolve a ideia de que “a Cultura mediada pela Linguagem possibilita a transformação do homem de ser biológico em ser social, substituindo suas funções inatas e propiciando-lhe a utilização de instrumentos e técnicas culturais para além dos limites da natureza”. Assim sendo, a Educação é capaz de influenciar as potencialidades dos seres humanos e de constituir-se como expressão histórica de uma sociedade, intermediando seus processos culturais.

Podemos concluir, nesse sentido, que as Múltiplas Linguagens são, em síntese, meios que possibilitam o estabelecimento de comunicação entre pessoas e sociedade (SOUZA, 2017). É nesse contexto que elas serão importantes no ambiente escolar. Soma-se a isso o fato de a escola funcionar como instituição cultural, que colabora para afirmação de modos e atitudes específicas de ser e de pertencer à cultura social em que os seres humanos constroem e desenvolvem suas experiências, sejam estas individuais ou coletivas.



Atividades da escola em parceria com a comunidade garantem uma educação mais coletiva.
Foto: Samara Souza



4.1 Linguagem verbal e não-verbal

Na definição das Linguagens, aqui compreendidas, podemos organizá-las a partir de duas classificações mais gerais, a Linguagem Verbal e a Linguagem Não-verbal. Linguagens Verbais são aquelas que correspondem ao uso da palavra, seja escrita ou falada. A Linguagem não verbal está relacionada aquela que se estabelece por meio da transmissão e recepção da mensagem por outros meios que não sejam a palavra, como por exemplo as imagens (sejam ilustrações, pinturas ou fotografias) e os gestos. Nesse sentido, também podemos pensar em linguagens mistas, sendo aquelas que misturam a linguagem verbal e a não-verbal, como os filmes, organizados a partir de imagens, sons e falas; e o teatro, elaborado por meios da fala, sons, gestos e movimentos.

“Ao longo do tempo, o uso frequente da linguagem verbal (código linguístico) fez parte da maioria dos planos de aula, tornando-a repetitiva e restrita” (SOUZA, 2017, p. 35). Atualmente tem sido comum o uso de Múltiplas Linguagens em contextos educacionais, especialmente com o advento de novas tecnologias e meios de transmissão e recepção de mensagens. É nesse sentido que propomos as Múltiplas Linguagens da Educação como proposta didática para a conservação de espécies-bandeira.



5. As Múltiplas Linguagens da Educação e a Conservação de espécies-bandeira

A educação proposta neste caderno está pautada na educação popular, fruto da metodologia de alfabetização proposta por Paulo Freire e inserida no contexto da Educação Ambiental por Carlos Rodrigues Brandão. Direcionada aos movimentos sociais, tem proporcionado diálogos abertos, com uma linguagem próxima ao universo dos próprios estudantes e comunidade. Esse diferencial facilita a aproximação com o cotidiano local e a promoção do diálogo entre saberes populares e científicos. Como afirma Brandão (2014):

Devemos descobrir e aperfeiçoar paradigmas e experiências de educação - para nós próprios em nossa contínua formação, e para os nossos alunos, educadores, educandos, quaisquer que eles sejam - que venham a instituir princípios e modelos de diálogo (BRANDÃO, 266, 2014).

Por isso, tal proposta busca, por meio das Múltiplas Linguagens da Educação, proporcionar “experiências de educação” a partir do próprio conhecimento local sobre as espécies-bandeira.

Os próximos tópicos descrevem as Linguagens com suas principais características, curiosidades e dicas para seu uso no universo escolar. Almejamos que sua prática incentive a aproximação entre conhecimento local e escolar e ampliem a sensibilização sobre as espécies-bandeira, incentivando, conseqüentemente, a minimização dos impactos ambientais, muitas vezes, decorrentes do uso indiscriminado dos recursos naturais.



O sauim de coleira é uma espécie-bandeira

5.1 Rodas de conversa e contação de histórias



As histórias dos povos mais antigos podem ser contadas com a utilização de fantoches.
Foto: Samara Souza

As formas de linguagem das comunidades ribeirinhas concentram-se principalmente na oralidade, que percebemos como uma forma de comunicação recorrente e importante ao acervo cultural das comunidades. Por isso, as rodas de conversas são excelentes para o reconhecimento do saber popular sobre as espécies-bandeira.

Por que utilizar?

As rodas de conversas são comumente utilizadas em pesquisas nas áreas de saúde e educação por proporcionarem um melhor diálogo entre os participantes. As rodas de conversa, no contexto da educação ambiental, contribuem para o levantamento inicial das pesquisas sobre diferentes assuntos ou problemas.

Esta técnica requer a preparação de um roteiro de perguntas abertas para a condução de uma entrevista em grupo. Dessa maneira, será possível obter um levantamento de informações a respeito dos temas trabalhados. A respeito do conhecimento popular sobre as espécies, é fundamental compreender a percepção dos participantes no decorrer das rodas de conversas.

É importante que as rodas de conversa sejam as primeiras atividades desenvolvidas no levantamento do contexto histórico, econômico e das relações sociais da comunidade.

Como utilizar?

Inicialmente, será necessário identificar os sujeitos que participarão das rodas de conversas. Posteriormente, para sua aplicação, procure definir antecipadamente perguntas abertas:

Quais as principais espécies da fauna e flora utilizadas na comunidade? Como eram utilizadas? Estão raras ou escassas? Onde eram encontradas? Quem plantava ou coletava?

Essas perguntas ajudarão no reconhecimento dos aspectos culturais das espécies-bandeira. Procure registrar a fala dos participantes e lembre-se de solicitar a autorização para anotá-las.

Após as explicações e discussões por meio das perguntas, o próprio mediador ou mediadora resumirá as respostas centrais do encontro como uma maneira de refletir sobre o saber popular, criando possibilidades de outras rodas de conversas com diferentes sujeitos na própria comunidade.

Quais os materiais necessários?

Lápis, pinceis hidrocor coloridos, cartolinas e papel A4 para registro das falas. O tempo necessário: de duas a quatro horas por encontro, considerando a organização do espaço, o desenvolvimento da roda de conversa e a conclusão.



Dicas

Verifique antecipadamente a disponibilidade de tempo dos moradores da comunidade. Busque envolver os moradores mais antigos e as lideranças da própria comunidade. Organize o espaço para que todos sintam-se à vontade, de preferência sentados. Escolha um local tranquilo, com capacidade para o público esperado.

Coloque as perguntas em cartões ou tarjetas para ajudar na visualização, e adote desenhos para ajudar na assimilação das informações. Isso possibilitará uma triangulação das informações.

5.2 Escrita textual



O texto é uma forma de comunicação que nos conecta com a sociedade. Foto: Samara Souza

O texto é uma forma de comunicação dotada de sentido e que tem a finalidade de transmitir uma mensagem. Textos têm sido de grande importância para as sociedades humanas, como linguagem de comunicação e registro de suas histórias. Por meio de um texto é possível levar pessoas a lugares, conhecer personagens e histórias. Também é possível registrar ideias, fatos e sentimentos.

Um texto pode ser transmitido por meio da oralidade e da escrita, através de vários suportes. Podemos pensar que quando alguém conta uma história, seja ela real ou fictícia, está organizando e transmitindo um texto. Especialistas afirmam que as imagens, quando contam uma história, também podem ser consideradas textos. Como exemplo, podemos imaginar as tiras em quadrinhos feitas apenas por imagens. Mas nesse tópico, iremos nos concentrar no texto enquanto produção escrita.

Para organizar um bom texto escrito, é preciso atribuir a ele coerência e sentido, por isso, sua criação perpassa pela escolha de um gênero textual e tipo textual adequados à transmissão da mensagem. Os gêneros textuais expressam a função social do texto no processo de comunicação e eles podem ser inúmeros, tais como: notícias, entrevistas, lendas, novelas, romance, entre outros. Já a classificação como tipos, designam se os textos são argumentativos, descritivos, narrativos, injuntivos ou expositivos.

Um texto pode pertencer a um gênero e conter mais de um tipo textual, por exemplo: a bula de remédio é considerada um gênero textual. O texto presente na bula pode ser considerado pertencente ao tipo descritivo, por indicar a composição do remédio, e também injuntivo, por indicar a forma como ele deve ser utilizado.

Por que utilizar?

Como dito anteriormente, os textos colaboram para a transmissão de diversos tipos de mensagem e também servem como registro de uma cultura e de descobertas tecnológicas e sociais. Nesse sentido, o texto pode ser organizado a partir das discussões e reflexões a respeito das espécies-bandeira e sua relação com o ambiente, a cultura e a história local. Eles podem ser trabalhados por meios de diversos suportes, como meios digitais e folhas de papel e ainda podem servir como referência e base para outras linguagens educativas, como a audiovisual.

A produção textual pode colaborar ao incentivo à conservação de espécies-bandeira por meio de gêneros textuais, como notícias, entrevistas com personalidades locais, estruturação de romances baseados em histórias



reais ou fictícias. Os textos organizados em função de seu conteúdo, suportes e sua relação com outras linguagens, podem colaborar para a circulação de informações em diferentes ambientes de diálogo (compreendidos também como ambientes discursivos), com diferentes sujeitos sociais.

Como utilizar?

Realize uma oficina de produção textual, tendo como objeto de destaque a conservação das espécies-bandeira. Busque perceber quais gêneros são mais recorrentes e relevantes para os estudantes. Apresente novos gêneros, além dos mais conhecidos e próximos. Para aproximá-los, recorra às revistas, jornais, livros (físicos ou digitais).

Promova a produção textual a partir da escolha individual ou coletiva dos estudantes. Alguns se sentirão mais aptos a produzirem crônicas, outros encontrarão motivação para escreverem notícias. O levantamento de informações para o texto pode ser as rodas de conversa, entrevistas com moradores locais, pesquisa bibliográfica, dentre outros.

Dependendo do gênero textual, pode-se trabalhar com uma história real ou fictícia. O importante será o exercício com a linguagem e a mensagem que se deseja passar. Com os produtos feitos na oficina, pode-se organizar um livro artesanal, mostras textuais, saraus literários e campanhas de sensibilização sobre as espécies-bandeira.

Quais os materiais necessários?

Caneta, lápis, cadernos, papéis, computadores ou notebooks, livros, revistas, jornais (impressos ou digitais), anúncios, entrevistas de áudio.

Dicas

Veja no quadro abaixo alguns gêneros e tipos textuais que podem ser utilizados na produção textual:

Gênero Textual	Tipo textual
Notícia	Expositivo
Entrevista	Expositivo
Conto	Narrativo
Romance	Narrativo
Lenda	Narrativo

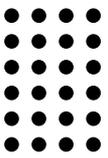
5.3 Desenho e Pintura



Os desenhos podem expressar paisagens e retratos de pessoas. Foto: Samara Souza

Desenhar faz parte da existência dos seres humanos. Desde os tempos antigos, foi necessário desenhar para representar situações, organizar espaços e representar elementos que nos rodeiam. Em qualquer sociedade humana, antes mesmo de um objeto existir, ele pode ter sido pensado e desenhado na mente das pessoas.

O desenho pode ser concebido como desenho técnico ou desenho artístico. O desenho técnico tem a finalidade de reproduzir ou representar algo físico por meio de um método claro e objetivo. Nele, podemos incluir informações como tamanho, medidas, numerações que ajudam as pessoas a lê-los tecnicamente. Já um desenho artístico, parte de uma concepção livre, onde



o artista tem a liberdade para imprimir suas características pessoais ao desenho, seja essa uma representação figurativa ou abstrata.

O desenho caracteriza-se por linhas e pontos em um plano (como um papel ou uma parede, até mesmo a tela de um computador ou tablet). A esse processo inicial pode-se acrescentar texturas, manchas, luz, sombra e perspectiva, chegando a um processo final mais elaborado do desenho. Paralelamente ao desenho, a pintura também surgiu como forma de representação da realidade ganhando contornos artísticos característicos em distintas épocas. Se antes o desenho e a pintura serviam como linguagens de registro e representação, hoje podem ter importância e significado em si mesmos, como obras de arte.

A pintura possui matizes, contrastes, vibração e transparência, além de outros elementos. Assim, pintar exige o uso de material colorido, já que essa linguagem pressupõe a relação entre as cores, que geralmente, provêm das tintas e que, por sua vez, precisam de pincéis, da tela de pintura ou de um papel que aceite a umidade.

Por que utilizar?

A arte é uma das primeiras formas de expressão humana e, dependendo do local e momento histórico, manifestou-se de diferentes maneiras. As técnicas de desenho e pintura se desenvolveram a partir das possibilidades instrumentais e criativas em cada época e sociedades humanas. Por isso, hoje temos tantos estilos e técnicas de desenho e pintura. Também soma-se a isso as capacidades criativas e comunicativas das pessoas.

A partir dessas possibilidades e do potencial de uso dos desenhos e pinturas como linguagens educativas, pode-se pensar em suas aplicações como instrumentos de sensibilização sobre as espécies-bandeiras. Assim, pode-se desenvolver tais linguagens do ponto de vista da educação e da comunicação, com apoio da criatividade.

A criação de mapas, desenhos das espécies e sobre as espécies, o uso de desenhos e pinturas como ilustrações para textos, exposições, são algumas





das possibilidades de uso dessas linguagens.

Como utilizar?

Pode-se desenvolver atividades de desenho e pintura a partir de diferentes estilos e técnicas acessíveis, sejam aquelas universais ou desenvolvidas pelos estudantes.

Incentive que os estudantes se aproximem de diferentes estilos e desenvolvam suas técnicas, encontrando aquelas que mais se identificam. Exemplos de estilos podem ser: realista, científico, mangá, caricatura, cartoons, doodle arte, dentre outros. Exemplo de técnicas podem ser: desenho a lápis, desenho com giz de cera, pintura com tintas naturais etc. Muitas são as possibilidades de trabalho com as espécies-bandeira, como a organização de mapas participativos, croquis da comunidade, ilustrações para textos, pintura de quadros etc. Desenhos e pinturas, após produzidos, podem ser utilizados para momentos de interação, como exposição e, ainda, ilustrarem livros e histórias em quadrinhos.

Quais os materiais necessários?

Papéis, telas, fibras, canetas, lápis, borracha, régua, tintas naturais, suportes como papel ou meios digitais, lápis, canetas, borracha, carvão ou argila.

Dicas

Sites que podem colaborar em atividades de desenho e pintura:

<https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/tecnicas-artisticas-o-desenho/>

<https://www.infoescola.com/artes/historia-do-desenho/>



5.4 Dança e Coreografia



A dança é uma importante manifestação cultural. Foto: Samara Souza

Por que utilizar?

No decorrer das oficinas desenvolvidas no Projeto, surgiu o interesse em compreender as manifestações culturais. Dentre os destaques estava a dança do Carimbó, associada às festas religiosas entre os idosos. Infante (2011, p. 10), descreve a dança como uma forma de linguagem, informando que “estudos da observação do campo da dança são vastos”. Por mais que pareça redundante, nas considerações do autor, é imprescindível conhecer o repertório das danças no campo de trabalho.

Por isso, é importante compreendermos como os corpos das mulheres e homens se movimentam dentro das comunidades ribeirinhas. Nesse sentido, sugere-se oficinas de dança envolvendo os jovens da comunidade a partir de um leque de possibilidades, especialmente aquelas já existentes e praticadas na própria comunidade.

A Educação Ambiental, proposta por Carlos Rodrigues Brandão, incentiva a interação entre diferentes públicos a respeito das questões ambientais nas





comunidades. Almeja-se, nesse sentido, o reconhecimento dos movimentos presentes na própria comunidade por meio da dança. Essa prática também se aproxima do que foi descrito por Voltolini (2007), ao informar que a diversidade das manifestações culturais do nosso país contribui para um diálogo mais próximo de cada realidade.

Assim, entre as manifestações culturais estão as Danças Circulares, por contarem a história do lugar onde se vive. As danças são linguagens não verbais capazes de transmitir o conhecimento popular presente na comunidade. São, dessa forma, “instrumentos valiosos de sensibilização ambiental, pois geram sentimentos de conexão com o todo” (VOLTOLINI, 2007, p. 15).

Como utilizar?

Baseando-se nos relatos da roda de conversa, incentive os estudantes a entrevistarem pessoas que mantêm a prática da dança na própria comunidade e em suas festas. Adota-se perguntas abertas e em seguida faz-se o registro escrito da fala dos entrevistados.

Entrevistado	Idade	Comunidade	Tipos de danças	Festejos e datas

Baseado nesses relatos e registros, sugere-se que os professores e professoras desenvolvam uma oficina de dança com a finalidade de conhecerem os ritmos e as danças populares a partir de uma perspectiva histórica. Essa oficina incentivará o fortalecimento das danças e oferecerá a oportunidade de transmitir o conhecimento popular no contexto da educação escolar. Conseqüentemente, motivará a comunidade escolar

na interação de diferentes formas de linguagem no âmbito da educação ambiental para conservação, inclusive de espécies-bandeira.

A oficina de dança pode ser promovida com apoio dos professores e professoras de arte, história e geografia, como uma maneira de desenvolver a transversalidade da educação ambiental. No quadro abaixo, há uma adaptação da proposta desenvolvida em escolas de tempo integral por Santos e Souza (2016) e em conformidade com o Parâmetros Curriculares Nacionais:

Oficina de dança popular	
Proposta de Santos e Souza (2016)	Proposta do projeto (Adaptação)
Integração/ Atenção/ Trabalho em grupo	Resultados das entrevistas;
Conhecimento corporal/Alongamento	Acompanhamento de ensaios do grupo de dança da própria comunidade;
Ritmo/ Conhecer e reconhecer estilos musicais e de dança	Identificação de outros estilos de música e danças na comunidade;
Aprendizado de passos e sequência	Atividade prática de dança popular entre os estudantes e o grupo de dança;
Criação de coreografia e apresentação	Apresentação cultural para a comunidade.

No âmbito do projeto, observou-se que as diferentes gerações de adolescentes e idosos interagiram a partir da prática da dança do Carimbó, representando a transmissão do conhecimento popular e a possibilidade de continuidade dessa forma de linguagem importante para a história das comunidades ribeirinhas.

Dicas

Sites com informações interessantes sobre dança:

<https://belas.art.br/dancas-populares-uma-viagem-ao-redor-do-mundo/>

https://www2.sesc.com.br/wps/wcm/connect/dad7c2dc-7939-428e-932f-2e48e2bbf2b2/A+HISTORIOGRAFIA+DA+DAN%C3%87A+NO+AMAZONAS.pdf?MOD=AJPERES&CONVERT_T0=url&CACHEID=dad7c2dc-7939-428e-932f-2e48e2bbf2b2



5.5 Produção Audiovisual

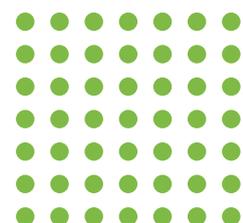


Assim como as fotografias, os vídeos podem ser utilizados para representar nossa comunidade.
Foto: Samara Souza

A linguagem audiovisual mescla a linguagem verbal e a não-verbal e está relacionada a dois sentidos humanos: a visão e a audição. Dessa forma, produções audiovisuais têm a capacidade de criar e reproduzir narrativas, que nos transportam do mundo real para outras realidades, seja com histórias e acontecimentos reais, ou fictícios.

A produção audiovisual envolve planejamento e tecnologias. O planejamento deve atender desde a parte de roteirização da história até a distribuição dos formatos produzidos. As tecnologias são aquelas que possibilitam a produção e leitura do audiovisual, desde a filmagem e edição (como celulares, notebooks e softwares de edição), até os suportes tecnológicos que permitem sua leitura (como os próprios smartphones, tvs e telas de projeção).

Segundo Coutinho (2013), em relação à produção audiovisual, podemos pensar em alguns formatos:





VIDEOCLÍPE: vídeo feito basicamente da combinação de música e imagem. Geralmente não tem texto. Enquanto nos outros gêneros, a música é apenas a trilha sonora; no clipe, ela é o principal elemento.

DOCUMENTÁRIO: trabalho feito com texto, imagens e entrevistas para registrar um acontecimento, características de um lugar etc. Mostra fatos, pessoas e lugares, entre outros.

FICÇÃO: história imaginária sobre um tema qualquer, podendo ser baseada em fatos reais. São utilizados atores, figurantes, animais etc.

DOCUMENTÁRIO-FICÇÃO: é quando misturamos o documentário com a ficção. Por exemplo, criamos uma história com bonecos ou atores e colocamos fatos, reportagens ou entrevistas reais sobre o tema tratado numa cena, e em outra ficção.

REPORTAGEM: gênero próximo do documentário, diferente pelo estilo jornalístico e pela presença do repórter.

ANIMAÇÃO: a palavra provém do latino “anima”, que significa “alma” ou “sopro vital”. Animação significa, antes de mais, “dar vida” a objetos estáticos.



Por que utilizar?

Desde que surgiu a possibilidade de unir imagem e som, tal linguagem tem despertado o interesse dos seres humanos. Antigamente, a produção dessa linguagem só era possível por meio de equipamentos raros e caros. Hoje a produção audiovisual está ao alcance de muitas pessoas. Os formatos têm se modificado, sendo possível a produção de vídeos por meio de smartphones e câmeras portáteis. No mesmo sentido, a disponibilização e o acesso do público a essa linguagem têm-se universalizado, não estando mais restrito apenas à tv e salas de cinema.



Por meio das plataformas digitais, muitas produções audiovisuais conseguem rapidamente projeções que vão além dos territórios de quem os produzem. Assim, os audiovisuais podem funcionar como linguagem de grande alcance e de grande capilaridade de público por meio dos meios digitais. Além disso, vídeos produzidos podem ser utilizados como recursos de aproximação e diálogo entre escola e comunidade, desde a pesquisa de temas, a elaboração e edição do formato, e sua exibição.

Como utilizar?

Para a produção de audiovisuais, é importante partir de uma ideia que conecte as espécies-bandeira com sua importância para o meio ambiente, para a comunidade e a relação das pessoas com essas espécies. É importante apresentar pontos positivos e também pontos críticos sobre as espécies, especialmente se forem raras ou se estiverem em risco de extinção; sempre com a narrativa voltada para a conservação das espécies-bandeira.

Dependendo do formato, a equipe pensa nas seguintes fases: organização das ideias, pesquisa de conteúdo, organização do roteiro, produção, gravação, edição e montagem, exibição e distribuição dos formatos. É importante compor uma equipe que tenha interesse e curiosidade para a construção do formato escolhido.

As fases que envolvem uso de tecnologia requerem pessoas habilitadas ou interessadas em descobrir as possibilidades de gravação e edição com os meios acessíveis (como smartphones e câmeras portáteis). Lembre-se que é possível trabalhar com uma história real ou fictícia; o mais importante será o exercício com a linguagem e a mensagem que se deseja passar.

Quais os materiais necessários?

Telefone celular, câmera fotográfica, aplicativos de filmagem e edição, telas de projeção, aplicativos e plataformas digitais para divulgação.

Dicas

Livros e apostilas sobre produção audiovisual em projetos sociais:

http://projetoasas.com.br/olhaagenteaqui/wp-content/uploads/2013/10/Apostila_v%C3%ADdeo_olhaagenteaqui_bx.pdf

<http://proedu.rnp.br/handle/123456789/790?show=full>

<http://proedu.rnp.br/handle/123456789/1239>

5.6 Teatro



O teatro traz vida às histórias relatadas pela comunidade. Foto: Samara Souza

A proposta de teatro refere-se às histórias sobre as comunidades ribeirinhas, suas formas de organização, tradições, cultura e uso dos recursos naturais.

Baseando-se em relatos dos participantes nas rodas de conversa, sugere-se a estruturação de um grupo de teatro na escola, com a participação de professores, professoras, estudantes e a possibilidade de inclusão de outras pessoas da comunidade, que poderão colaborar em alguma das fases de criação.



A história e o texto podem ser construídos a partir das experiências locais, e podem ser escritos textos reais ou fictícios. O exercício da escrita e da interpretação, bem como da direção e composição de cenários, serão importantes.

Por que utilizar?

A respeito do teatro pode-se utilizar como referência construtiva, o contexto histórico e as estratégias de uso dos recursos naturais, principalmente das espécies bandeiras definidas pela comunidade. Pode-se organizar textos sobre a cultura popular, conforme proposta de Carlos Rodrigues Brandão, transmitindo-se por meios dos mitos e lendas, o conhecimento repassado entre gerações.

O teatro de bonecos, conhecido também como fantoche, representa uma forma de linguagem adotada principalmente para as crianças, sendo utilizado em campanhas de educação ambiental numa abordagem sobre as problemáticas ambientais, conforme Baldin (2010). Essa forma de linguagem, associada às campanhas de educação ambiental, pode proporcionar efeito importante para a disseminação do conhecimento científico e técnico, dialogando com o saber popular das comunidades ribeirinhas e promovendo o debate a respeito das espécies-bandeiras.

Como utilizar?

É importante envolver estudantes e comunitários que tenham interesse em compreender e transmitir a história da sua própria comunidade. Desta forma, serão necessárias reuniões com os participantes para:

- 1) Definição do formato da peça;
- 2) Definição do tipo de apresentação;
- 3) Escrita da peça;
- 4) Organização de figurinos e cenário;
- 5) Convite e divulgação do dia, horário e o local do espetáculo;
- 6) Apresentação da peça teatral (sendo importante o registro da apresentação).



Dicas

Sites com informações interessantes sobre teatro:

<https://www.aberta.org.br/educarede/2013/05/21/montando-um-espetaculo-de-teatro-na-escola/>

<https://www.desenvolvimentoartistico.com/single-post/2017/05/15/como-fazer-uma-pe%C3%A7a-de-teatro-para-escola-ou-em-qualquer-lugar>

https://ri.ufmt.br/bitstream/1/2226/1/TESE_2015_Ivan%20C%C3%A9sar%20Corr%C3%AAa%20do%20Bel%C3%A9m.pdf

<https://www.revistaea.org/artigo.php?idartigo=959>



6. Considerações finais

As Múltiplas Linguagens da Educação podem ser compreendidas como ferramentas que colaboram para a sensibilização acerca do meio ambiente. Elas possibilitam que educadores e educadoras possam trabalhar capacidades criativas, além da promoção do diálogo entre diferentes sujeitos sociais e a produção de conteúdos sobre aspectos socioambientais locais.

Esperamos que tal proposta tenha efeito positivo na prática pedagógica dos professores e professoras e no processo de ensino-aprendizagem escolar, sendo compreendida como contribuição positiva ao cotidiano escolar e ao diálogo com a comunidade.

Tal método também pode ser eficiente para aplicação em outros biomas, em contextos territoriais específicos. Esperamos ainda que tal conteúdo possa colaborar para a prática de uma educação ambiental integradora, que apoiando-se na educação popular, reconhece a autonomia dos educadores, a capacidade criativa de produção de cultura e o reconhecimento da sociodiversidade das comunidades.

Aproveitamos para agradecer professores, estudantes e moradores da comunidade Punã, localizada no entorno da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, que participaram das oficinas que propiciaram a organização desse material.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, A. F.; PASQUARELLI, J. V. **Teatro e Educação Ambiental**: um estudo sobre Ambiente, expressão estética e emancipação. Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, V.18, 2007.

BALDIN, N.; et al. **Teatro de Fantoques e Educação Ambiental**: A importância pedagógica dessa relação. Disponível em: <<https://www.revistaea.org/artigo.php?idartigo=959>>. Acessado em: 29/06/2021.

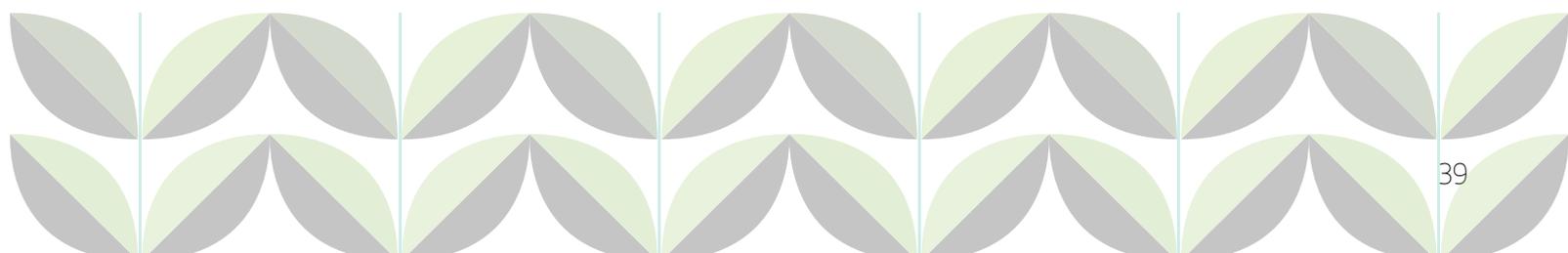
BERBET, M. S.; et al. **O teatro como ferramenta para a educação ambiental**. Ambiência - Revista do Setor de Ciências Agrárias e Ambientais, V. 3, N. 1, Jan./Abr. 2007. Disponível em: < <https://revistas.unicentro.br/index.php/ambiencia/article/view/305/422> >. Acessado em 20/06/2021.

BRANDÃO, C. R. **Comunidades Aprendentes**. In: FERRARO JÚNIOR, L.A. (org.). Encontros e caminhos: formação de educadores ambientais e coletivos educadores. MMA, 2014.

BUSS, G.; et al. **A abordagem de espécie-bandeira na Educação Ambiental**: estudo de caso do bugio-ruivo (*Alouatta guariba*) e o Programa Macacos Urbanos. Research Gate. Disponível em: <<https://www.researchgate.net/publication/268207686>>. Acessado em 04/06/2020.

COUTINHO, L. M. **Audiovisuais**: arte, técnica e linguagem. 4 ed. atualizada e revisada – Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso: Rede e-Tec Brasil, 2013. Disponível em: < <http://proedu.rnp.br/handle/123456789/790?show=full> >. Acessado em 04/06/2020.

FONTANA, R.; CRUZ, M. N. **Psicologia e trabalho pedagógico**. São Paulo: Atual Editora, 1999.



GUERIZOLI-KEPIMSKA, O. **“Linguagem da pintura”**: que linguagem? Niterói: Gragoatá, n. 20, p. 103-113, 1. sem. 2006.

GUIMARÃES, C. et al. **Na comunidade eu aprendo**: conservando nosso ambiente. Tefé: IDSM, 2017. Disponível em: <<https://www.mamiraua.org.br/documentos/fa37bf3fd4e4a4d174a85122592a042b.pdf>>. Acessado em 15/05/2020.

INFANTE, R. **Fundamentos da Dança**: “Corpo – Movimento - Dança”. Editora Unicentro. Disponível em < <http://repositorio.unicentro.br:8080/jspui/bitstream/123456789/885/5/fundamentos%20da%20dan%C3%A7a.pdf> >. Acessado em: 05 de julho de 2021.

INSTITUTO ASAS. **Vídeo**: apostila do projeto olha a gente aqui. Disponível em: http://projetoasas.com.br/olhaagenteaqui/wp-content/uploads/2013/10/Apostila_v%C3%ADdeo_olhaagenteaqui_bx.pdf >. Acessado em: 25/06/2021.

MACHADO, T.M.; et al. **A roda de conversa como ferramenta de planejamento de ações**. Revista Eletrônica Gestão & Saúde. Vol. 6 (Supl. 1). Março, 2015 p.751-61. Disponível em < <https://periodicos.unb.br/index.php/rgs/article/view/2707/2416>>. Acessado em: 05/07/2021

MELO, R. H. V.; et al. **Roda de Conversa**: uma Articulação Solidária entre Ensino, Serviço e Comunidade. Revista Brasileira de Educação Médica 30(1) 40 (2): 301-309; Disponível em < <http://dx.doi.org/10.1590/1981-52712015v-40n2e01692014>>. Acessado em: 29/06/2021.

MOREIRA, L. M. A. **Desenvolvimento e crescimento humano**: da concepção à puberdade. In: Algumas abordagens da educação sexual na deficiência intelectual. 3 ed. Salvador: EDUFBA, 2011, pp. 113-123. Bahia de todos collection. Disponível em: < <http://books.scielo.org/id/7z56d/pdf/moreira-9788523211578-11.pdf> >. Acessado em: 30/05/2020.

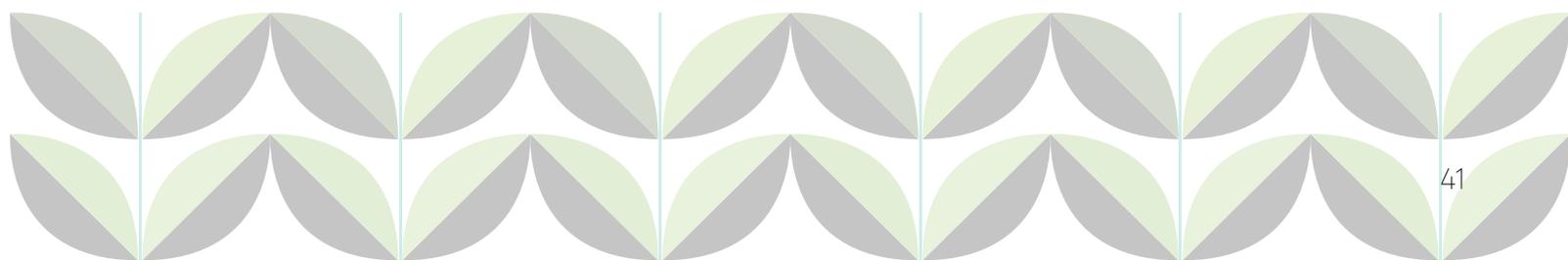
PEIXOTO, S. **Pensar o desenho**: linguagem, história e prática. Guarapuava: Unicentro, 2013. 79 p. Disponível em < <http://repositorio.unicentro.br:8080/jspui/bitstream/123456789/913/5/PENSAR%20%20DESENHO%20-%20LINGUAGEM%20%20HIST%3%93RIA%20E%20PR%3%81TICA.pdf>>. Acessado em: 30/05/2020.

PLETSCH, G. K. **As Múltiplas linguagens na Educação Infantil**. Sorocaba: Faculdade Uirapuru. Disponível em: <http://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem13pdf/sm13ss16_04.pdf>. Acessado em: 30 de maio de 2020.

SANTOS, G. S. J.; SILVA, S. P. **Produção Textual**: concepção de texto, gêneros textuais e ensino. Cadernos do CNLF, vol. XVI, nº 04. Anais do XVI CNLF, p.1085-1090. Disponível em < http://www.filologia.org.br/xvi_cnlf/tomo_1/096.pdf>. Acessado em: 29/06/2021.

SANTOS, K. C. V.; SOUZA, P. S. **Mais educação**: a oficina de dança como uma área do saber específico. Disponível em <http://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2016/TRABALHO_EV056_MD1_SA20_ID11231_17082016195544.pdf>. Acessado em: 05/07/2021.

SOARES, A. P. **Roteiro para roda de conversa sobre o PNAES**. Disponível em: <[Casarottohttps://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/433385/2/ROTEIRO%20PARA%20RODA%20DE%20CONVERSA%20SOBRE%20O%20PNAES.pdf](https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/433385/2/ROTEIRO%20PARA%20RODA%20DE%20CONVERSA%20SOBRE%20O%20PNAES.pdf)>. Acessado em: 29/06/2021.



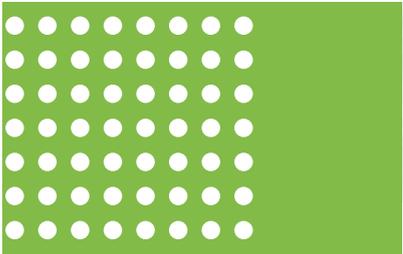
SOUZA, A. F. G. **As múltiplas linguagens na alfabetização de jovens e adultos**. 2017. Trabalho de Conclusão De Curso (Licenciatura Plena em Pedagogia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <<https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/2193/1/AFGSouza.pdf>>. Acessado em: 30/05/2020.

VILAS BOAS, M. H. Z.; DIAS, R. **Biodiversidade e turismo**: o significado e importância das espécies-bandeira. Turismo e Sociedade. 2010. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/turismo/article/view/16659>>. Acessado em: 30/05/2020.

VOLTOLINI, R. V.; MORALES, A. G. M. **As Danças Circulares como instrumento de sensibilização ambiental**. Curitiba: Com Scientia, v. 3, n. 3, jan./jun. 2007. Disponível em < <http://www.comscientia-nimad.ufpr.br/artigos/dancascirculares.voltolini.pdf> >. Acessado em 05/07/2021.

VIGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. Ebook Vigo. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/vigo.pdf>>. Acessado em 20/05/2020.





FAS
Fundação
Amazônia
Sustentável

Instituto de Desenvolvimento
Sustentável Mamirauá



SUPERVISIONADA PELO MCTI

Contato:

Manaus / Amazonas
Rua Álvaro Braga, 351 Parque 10 | CEP 69054-595 |
(92) 4009-8900 / 0800 722-6459

fas@fas-amazonas.org | fas-amazonia.org



/fasamazonia

Parceria

